

## ***Pesquisa-filosofia em Histórias da Educação Matemática***

Cláudia Regina Flores<sup>88</sup>

### **RESUMO**

Este texto tem por objetivo apresentar considerações acerca de três trabalhos apresentados no II ENAPHEM. Os trabalhos são tomados como característicos de uma *pesquisa-filosofia*, uma vez que dialogam com conceitos da filosofia e da história, fugindo de uma imagem positivista de pesquisa histórica da Educação Matemática, ao operar com conceitos tais como *historicidade*, *saber*, *discurso*, *poder*, *verdade*, *linguagem*. A título de contribuição, teço alguns comentários que levam, no conjunto, a uma reflexão das ferramentas teóricas utilizadas nas pesquisas.

### ***Pesquisa-filosofia***

Começo meus comentários aos trabalhos, correspondentes a esta sessão coordenada, justificando o termo empregado já no título deste texto. A inspiração e apropriação do termo surge do livro intitulado *Linhas de Escrita*, escrito por Tomaz Tadeu, Sandra Corazza e Paola Zordan (2004). Isso porque os trabalhos apresentados nesta sessão podem ser vistos como modos de se fazer pesquisa filosoficamente. Explico isso citando os autores,

Porque a *Pesquisa-filosofia* não é uma teoria; é uma arte de mergulhar na zona peculiar do impensado, que desestabiliza as ideias feitas, na qual tanto a arte como o pensamento da pesquisa adquirem vida e descobrem as suas ressonâncias mútuas. (TADEU, CORAZZA, ZORDAN, 2004, p. 26)

Empurrar a *roda da história da Educação Matemática* é o que propõe o trabalho de Filipe Santos Fernandes<sup>89</sup>. Seu propósito, no entanto, não é azeitar engrenagens,

<sup>88</sup> Docente do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Pesquisadora Produtividade CNPq. Email: claudia.flores@ufsc.br

recompor aros, inflar pneus. Mas, antes de tudo, pôr-se a pensar de um lado de fora, do exterior mesmo, para problematizar a emergência da Educação Matemática, anunciada outrora como campo científico e acadêmico. Trata-se, portanto, de perseguir a história de como constituímos verdades à Educação Matemática ou, ainda, de como não cansamos de buscar discursos verdadeiros que, ao mesmo tempo são efeito e suporte para este campo de saber.

Desenhar trajetórias para compor um mapa de pesquisas em Etnomatemática no Brasil impulsiona o trabalho de Caroline Mendes dos Passos e Denise Silva Vilela. Porém, o mapeamento pretendido não se restringe a fazer levantamentos, identificar origens, criar categorias. Mas, antes disso, estabelecer uma postura investigativa que encontre suas motivações nas relações da Etnomatemática e da Prosopografia. As trajetórias, neste caso, seriam estudadas tomando as práticas etnomatemáticas como objeto de análise, para compreender como determinados grupos se formam e se proliferam.

*Math Wars*, que anuncia tratar-se de “algumas traduções”, na verdade, não se restringe a apresentar tradução de uma língua para outra, mas problematizar a expressão ao olhar *semelhanças de famílias* em alguns *jogos de linguagens*, quando Júlio Faria Corrêa se inspira nas teorizações wittgensteinianas. Trata-se de ver, portanto, como práticas discursivas (um conjunto de regras anônimas e históricas), definem as condições de exercício de uma certa formação discursiva. “A criança resolvedora de problemas” é só um dos enunciados que o próprio discurso da guerra põe em funcionamento.

A contribuição destas pesquisas, além das soluções possíveis aos problemas a que elas se propõem resolver, está no fato sobre o como elas lançam problemas, operam conceitos e determinam dados. Como dizem Tadeu, Corazza e Zordan,

A estética da *Pesquisa-filosofia* está, portanto, envolvida numa luta intrapesquisa e adota o procedimento singular de recorrer, especialmente, à filosofia para mostrar à educação o modo de fugir da imagem dogmática do pensamento, sob o qual ela própria vinha operando. (2004, p. 26)

<sup>89</sup> Embora este texto, submetido ao II ENAPHEM, tenha sido considerado nessa apreciação do comentarista, a íntegra de seu original não consta dos **anais** pois o trabalho não foi apresentado durante o evento.

Seriam, então, pesquisadores “fora da lei”? Não! Apenas exercícios de investigação de história da Educação Matemática que escapam à normalidade, a positividade, e que ao estranhar aquilo que nos parece tão conhecido, propõem pensar de outro modo para “dar sentido ao que somos e ao que se nos acontece”. (Larrosa, p.1, 2001).

### O que e como contribuir?

Tecer contribuições, organizar pensamentos, praticar interfaces para pensar além do que já foi dito, - o que e como contribuir com estas pesquisas? Devo, então, procurar o que de meus trabalhos, minhas práticas, minhas criações, minhas posturas podem contribuir, afinal, com estes que aqui se apresentam.

Pôr a operar o conceito de historicidade numa pesquisa significa, antes de mais nada, negociar com conceitos da história. Antoine Prost (2008), em as *Doze Lições sobre a História*, diz que “fazer história é construir um objeto científico, *historicizá-lo* [...] ora, acima de tudo, historicizá-lo consiste em construir sua estrutura temporal, espaçada, manipulável, uma vez que, entre as ciências sociais, a dimensão diacrônica é o próprio da história.” (p. 106). Não existe, portanto, uma definição própria a este termo, historicidade não é simples, e sobretudo, não é uma coisa a ser apreendida.

Em *A Arqueologia do Saber* Foucault (2000) diz que uma análise arqueológica toma as disciplinas como ponto de partida. Uma disciplina, neste caso, é compreendida como “um conjunto de enunciados que se organizam a partir de modelos científicos (que tendem à coerência, estão institucionalizados, são ensinados como ciência), mas que não alcançaram ainda o estatuto de ciência” (Castro, 2009, p.393).

No rastro destas proposições, tomar a Educação Matemática como um saber, significa analisar discursos que, por exemplo, instituíram-na tanto como campo científico, quanto acadêmico. E por *saber* Foucault entende como sendo as relações entre aquilo do que se pode falar (dos objetos); o fato de se ter um sujeito e que pode, efetivamente, falar sobre aquilo (posições subjetivas); um campo de associação e correlação entre enunciados e, ainda, as formas concretas como isso aparece enunciado. O saber, portanto, “não é uma soma de conhecimentos, porque desses se deve poder

dizer sempre se são verdadeiros ou falsos, exatos ou não, aproximados ou definidos, contraditórios ou correntes.” (Castro, 2009, p. 394).

Lidar, portanto com as relações de saber, nesta direção, significa também lidar com os jogos de poder. Mas o poder, para Foucault, não é algo negativo ou monstruoso, que sujeita, que reprime. Ao contrário disso, ele é visto como uma instância positiva e capilar, que nos movimenta, que nos faz criar e ser o que somos (Foucault, 2007).

Entretanto, vale dizer que os discursos que fabricam indivíduos, como aqueles ligados aos movimentos da Guerra, por exemplo, querem tornar corpos “úteis e produtivos de uma perspectiva econômica, ao mesmo tempo que dóceis e submissos sob os aspectos políticos, prestando um valioso serviço ao desenvolvimento da máquina de produção capitalista emergente” (Prado Filho, p.137, 2000). A matemática, por exemplo, encontra um lugar para se procriar indicando processos de ensino e de aprendizagem, ao mesmo tempo que criando condições de individualização, onde a individualidade é efeito e instrumento de uma forma de exercício de poder.

Por outro lado, fazer uma análise de um sujeito imerso em um grupo de pesquisa, por exemplo, seria, neste propósito, procurar tecer os modos de subjetivação, as práticas de si mesmo, que levam cada sujeito a fazer de sua própria vida uma obra de arte (Foucault, 2006). Dito de outro modo, ainda, seria entender que um sujeito vai se constituindo por meio de experiências, jogos de verdades e práticas de poder, alimentando verdades ao mesmo tempo que se alimenta delas.

Por fim, ainda digo que o exercício etimológico é útil não só para compreender os usos mais antigos de determinados termos (seja etnomatemática) mas, claro, para traçar familiaridades e examinar deslocamentos tanto semânticos, quanto de sentidos.

## **Para Parar**

Deixo um poema de Viviane Mosé

*Eu queria dizer uma coisa que eu não posso sair dizendo por aí.  
É um segredo que eu guardo, é uma revelação  
Que eu não posso sair dizendo por aí.  
É que eu tenho medo de que as pessoas se desequilibrem delas mesmas.  
Que elas caíam quando eu disser.  
É que eu descobri que a palavra não sabe o que diz.*



*A palavra delira. A palavra diz qualquer coisa.  
A verdade é que a palavra, ela mesma, em si própria, não diz nada.  
Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve.  
Quando existe acordo existe comunicação,  
Mas quando esse acordo se quebra ninguém diz mais nada,  
Mesmo usando as mesmas palavras.*

### Referências bibliográficas

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Univeristária, 2000.

\_\_\_\_\_. O Cuidado com a Verdade. In: MOTTA, M. B. da. *Foucault, Michel. Ética, política, sexualidade. Ditos e Escritos V*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Univeristária, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Vontade de Saber*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Palestra proferida no 13º Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp: Campinas, SP, 2001. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/atualidade/info/textos/saber.htm>, consultado em 24/09/2014.

PRADO FILHO, K. Sobre o Poder. In *Revista de Ciência Humanas*, Florianópolis: EDUFUSC, n. 28, p. 133-143, out, 2000.

PROST, A. *Doze Lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. *Linhas de Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.